

AFROCENTRICIDADE: UMA ETNOGRAFIA DAS FESTAS BLACKS EM PELOTAS

MARIELDA BARCELLOS MEDEIROS¹

Universidade Federal de Pelotas – mananegra@gmail.com

CLAUDIO BAPTISTA CARLE²

Universidade Federal de Pelotas - cbscarle@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Pretendo nesta pesquisa estabelecer inicialmente o “ongira”³, um caminho, que possibilite observar alguns pontos que considero importante sobre o Brasil, sobre o que é ser negro neste país e no nosso estado do Rio Grande do Sul, sobre visibilidade e invisibilidade negra, sobre minha percepção acerca de formas culturais e espaços afrocentrados⁴. Para tanto, trago inicialmente alguns elementos da história sobre a presença negra no Brasil e no Estado do Rio Grande do Sul. O objetivo geral desta pesquisa é investigar formas culturais afrocentradas que se processam nas Festas Black, considerando-as como espaços e formas de visibilidade negra em Pelotas, RS. Como objetivos específicos apresentar formas e espaços culturais afrocentradas desenvolvidos no Rio Grande do Sul; identificar estas formas e espaços afrocentrados nas Festas Black em Pelotas, RS; descrever os processos culturais afrocentrados na ruptura da invisibilidade negra nas Festas Black em Pelotas, RS. O segundo momento, tratará dos espaços culturais em diálogo com a negritude, considerando a necessidade de compreendermos uma das questões fundamentais neste contexto de sociedade: os espaços culturais e a construção de identidades.

2. METODOLOGIA

A tomada de um caminho aqui estará fortemente fundada na ideia de um “outro”, chamado de antropos e não “heleno” (cf. SODRE, 2017), nos conduzindo não a um andar parecido com o orientalismo discutido por Said (1990), que indica ser de alguma forma a afrocentricidade (LIRA, 2014; aliado a SODRE, 2017). A intenção é dar início ao caminho direcionado ao fazer interpretativo na forma afro-brasileira (SODRE, 2017). Nesse caminhar numa (velha) nova linguagem é necessário perceber que o sistema engendrado pela antropologia atinge este outro que somos o nós (cf. SAID, 1990, p. 24). Abre-se então o caminho etnográfico. Assim como Said (1990, p 27) busca em alguns clássicos para propor sua discussão sobre a metodologia a ser desenvolvida no orientalismo, estimamos aqui algumas destas potências em Geertz (1980) e Malinowski (2009), não como definitivos, mas como parte do caminho ainda em construção. Aqui

¹ MEDEIROS, Marielda Barcellos – Professora/Pedagoga e Especialista em Educação/UFPEL; Mestra em Educação/UNIPAMPA; Doutoranda do PPGAnt/UFPEL; Coordenadora do NEENPEL (Núcleo de Educadoras e Educadores Negros de Pelotas)

² Professor Doutor, Universidade Federal de Pelotas, orientador.

³ Palavra Bantu (língua africana da região de Angola) cuja uma das traduções pode ser caminho.

⁴ Pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes atuando sobre a sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos.

trago como proposta de aproximação ao caminho elencado por Geertz, onde o comportamento humano é uma ação simbólica (GEERTZ, 1989, p. 21), assim passível de ser estudada e aqui me focarei nesta possibilidade. A análise é ato de escolher as “estruturas de significação”, os “códigos estabelecidos”, onde o ato de verificação torna-se parecido “com a tarefa de um decifrador de códigos”, o que me possibilita investigar como uma “crítica literária” e me possibilita determinar as bases sociais e culturais que que dão importância aos significados (GEERTZ, 1989, p. 19). O texto que apresento tem sua base em escritas anteriores, em que tive a oportunidade de apresentar e falar da experiência junto as Festas Black em Pelotas. Isso ocorre, pois é sobre ela que me debruço em minha investigação de Tese. Essa redundância investigativa me possibilita tecer a teia unindo os pontos anteriores já trabalhados em outros discursos meus e estabelecendo as conexões com a visão de cultura em interação entre Brasil e África, que trilham os caminhos que busco na pesquisa. Para tanto, será realizada uma investigação na produção acadêmica ou não sobre as manifestações e espaços de representação afrocentrada no RS. Estas investigações serão realizadas em meio digital, com foco principal no RS, deste modo, o método se apresenta como revisão bibliográfica e pelo meio de mídias digitais onde estas formas de representação aparecem, construindo com isso os atributos necessários de identificação do que é afrocentrado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para identificar estas formas e espaços afrocentrados nas Festas Black em Pelotas, RS, estou neste momento desenvolvendo uma autoetnografia, uma etnohistória dos documentos existentes sobre as festas, uma etnografia junto aos participantes e nos momentos de suas realizações (devido a este período de pandemia, interrompida), no sentido de garantir a identificação dos atributos apontados pela investigação de outras formas, como expresso na investigação do objetivo anterior (depende das etnografias, entrevistas, observações das festas já realizadas, anterior a pandemia). Tracei para tanto, um cronograma que teve seu começo a partir de agosto de 2018, a partir do levantamento de fontes das definições que serão premissas para esta investigação; investigação na produção acadêmica e não acadêmica sobre as manifestações e espaços de representação afrocentrada no RS; revisão bibliográfica e pelo meio de mídias digitais onde estas formas de representação aparecem; criação de atributos necessários de identificação do que é afrocentrado; desenvolver uma etnohistória dos documentos existentes sobre as festas; desenvolver uma etnografia das festas e participantes (observações das festas, fotos filmagens, etc.); realizar e transcrever entrevistas; interpretações dos dados; Revisitas e reentrevistas; escrita de textos.

4. CONCLUSÕES

A reciprocidade estudada por vários autores em diferentes grupos humanos se apresenta fortemente neste espaço que tomo como campo de pesquisa. Na interface tecida entre estes diferentes espaços que aqui, aparece como pano de fundo, de forma não explícita, um atributo que os marca. Que possibilitou na diversidade profunda entre eles, onde os valores focados no princípio em que a produção cultural (neste caso) é dada a outros num espírito de solidariedade. O marco nessa relação entre as pessoas envolvidas, uma reconstrução fixada

tecendo uma circularidade que une cada região desta cidade e neste caso identificada afrocentrada. Neste sentido, busco neste caminho também, construir um olhar da minha trajetória como se refletida num espelho, refazer o exercício de deixar a memória fluir e a partir dela observar questões de vida, ensino-aprendizagem e ativismo, demonstrar-me como alguém que se construiu de forma afrocentrada pelo lugar mesmo de fala e de existência. Por essa razão, a autoetnografia me pareceu a escolha mais adequada, me possibilitando dar voz à memória, que também me faz perceber o quanto tenho que me descolonizar. Questionar os discursos e crenças tão arraigados vislumbrando a possibilidade de escrever novas histórias. Histórias que só podem ser escritas quando nos envolvemos e nos permitimos ouvir a voz dos outros.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARTH, Frederik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: Poutignat, P.; Streiff-Fernart, J. Teorias da Etnicidade. São Paulo: Unesp, 1998. pp. 186-227.
- BHABHA, Homi. O local da cultura. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2010
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998.
- CHARLOT, Bernard. Relação com o Saber, Formação dos Professores e Globalização: questões para a educação hoje, Porto Alegre: Artmed, 2005.
- CHAUÍ, M. DE S. Convite à Filosofia. 14^a ed. São Paulo: Ática, 2010.
- DAS, Veena; POOLE, Deborah. El estado y sus márgenes. Etnografías comparadas. In: Revista Académica de Relaciones Internacionales, núm. 8, GERI-UAM, [www.relacionesinternacionales.info.](http://www.relacionesinternacionales.info/), junio de 2008
- DUMONT, Louis. Homo Hierarchicus: o sistema de castas e suas implicações. São Paulo: EDUSP, 1992.
- ELLIS, Carolyn; ADAMS Tony E.; BOCHNER, Arthur P.. Autoetnografia: Un panorama. Astrolabio, [S.I.], n. 14, p. 249 -273, jun. 2015. (Disponível en: <<https://revistas.unc.edu.ar/index.php/astrolabio/article/view/11626>>. Acceso em Dez. 2018)
- FARIAS, P. F. De Moraes. "Afrocentrismo: entre uma contranarrativa histórica universalista e o relativismo cultural". In Afro-Ásia, 29/30 (2003), 317-343.
- FORTIN, Silvie Contribuições possíveis da etnografia e autoetnografia para a pesquisa prática na dança. REVISTA CENA - Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas (Meio eletrônico)– Nº 7, (pp 77-88), 2009
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GILROY, Paul. Entre campos: nações, cultura e o fascínio da raça. Trad. de Celia Maria Marinho de Azevedo et al.- São Paulo: Annablume, 2007.
- GROSSI, Miriam, FRY, Peter H.“Conversa com Eunice Durham e Ruth Cardoso”. In: GROSSI, Miriam Pillar, ECKERT, Cornelia; FRY, Peter Henry. Reunião Brasileira de Antropologia. Conferências e práticas antropológicas - 25a RBA – (Goiânia, 2006), Blumenau, Nova Letra, 2007.
- HALL, Stuart. Da diáspora. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003
- LARROSA, Jorge. Nota sobre a experiência e o saberde experiência. Revista Brasileira de Educação, n.19, p. 20-28, jan/fev/mar/abr. 2002.

- LIRA, Lilian Conceição da Silva Pessoa de. Elementos teopedagógicos afrocentrados para superação da violência de gênero contra as mulheres negras: diálogo com a comunidade-terreiro Ilê À Se Yemonjá Omi Olodô e “O acolhimento de alimenta a ancestralidade”. (Tese de Doutorado para obtenção do grau de Doutora em Teologia - Faculdades EST - Programa de Pós-Graduação Área de concentração: Religião e Educação) São Leopoldo: EST, PPG, 2014, 244p.
- MALINOWSKI, Bronislaw. Uma teoria científica de cultura. Tradução Marcelina Amaral. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2009.
- MALOMALO, Bas'ilele. Repensar o multiculturalismo e o desenvolvimento no Brasil: políticas públicas de ações afirmativas para a população negra (1995-2009): volume 1. [recurso eletrônico] / Bas'ilele Malomalo – Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.
- MBEMBE, Achille As Formas Africanas de Auto-Inscrição. Estudos Afro-Asiáticos, Ano 23, nº 1, pp. 171-209, 2001.
- MELLINO, Miguel, La crítica poscolonial : descolonización, capitalismo y cosmopolitismo en los estudios poscoloniales. 1a ed. Buenos Aires: Paidós, 2008.
- MUNANGA, Kabengele. A identidade negra no contexto da globalização. In: Ethos Brasil. Ano I, n 1, março 2002, p. 11-20.
- _____. Superando o racismo na escola. 2ª edição revisada. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- NASCIMENTO, Abdias. Os Orixás de Abdias. Pinturas e poesia de Abdias Nascimento/Organizadora Elisa Larkin Nascimento. Brasília: IPEAFRO e Fundação Cultural Palmares, 2006.
- OYÈWÙMI, Oyèronké. Family bonds/Conceptual Binds: African notes on Feminist Epistemologies. Signs, Vol. 25, No. 4, Feminisms at a Millennium (Summer, 2000), pp. 1093-1098. Tradução para uso didático por Aline Matos da Rocha.
- PINHEIRO, Adevanir Aparecida. África e afrodescendentes
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. En libro: La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas. Edgardo Lander (comp.) CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, Argentina. Julio de 2000.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade, poder, globalização e democracia. In: Novos Rumos 6 ANO 17, Nº 37, 2002
- RIVERA CUSICANQUI, Silvia, Ch'ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores - 1a ed. - Buenos Aires : Tinta Limón, 2010.
- SAID, Edward W. Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- SAHLINS, Marshall. Ilhas de história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. pp. 173-193.
- SANTOS, Milton, A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- SILVEIRA, Hendrix. “Não somos filhos sem pais”: história e teologia do Batuque do Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Faculdades EST, 2014. 134 f. Dissertação (Mestrado em Teologia – área de concentração Teologia e História) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2014.
- SODRÉ, Muniz A. C. Pensar nagô. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- SPIVAK, Gayatri C. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2010.